

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Doclisboa: A Viagem Permanente – O Cinema Inquieto da
Geórgia – Notícias da Violência
29 de outubro de 2020

TCHIRI / 1983

“A Peste”

um filme de David Takaichvili

Realização, Argumento e Direcção de Animação: Davit Sikharulidze / *Fotografia:* Violeta Karossanidze / *Música:* Teimur Bakuradze.

Produção: Kartuli Pilmi (Gruzia Film), Estúdio Kvali XXI / Primeira exibição pública: 1 de dezembro de 1983 (URSS) / *Cópia:* digital (original em 35 mm), cor, sem diálogos, do Centro Nacional do Cinema Georgiano / *Duração:* 9 minutos / *Estreia mundial:* 1 de dezembro de 1983 (URSS) / Primeira apresentação na Cinemateca em 6 de novembro de 2017.

BO-BO / 1986

“Bo-Bo”

um filme de Levan Tchkonია

Realização: Levan Tchkonია / *Argumento:* Irakli Kvirikadze / *Fotografia:* Violeta Karossanidze / *Direcção de Animação:* E. Mitagvaria, Levan Tchkonია / *Música:* Levan Tchkonია / *Som:* A. Ionidi.

Produção: Kartuli Pilmi (Gruzia Film) / Estúdio Kvali XXI / *Cópia:* em 35 mm, cor, sem diálogos, do Gosfilmfond (Moscou) / *Duração:* 10 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

SKHVISSI SAKHLI / 2016

“A Casa dos Outros”

um filme de Russudan Glurdjidze

Realização: Russudan Glurdjidze / *Argumento:* Dato Tchubinichvili, Russudan Glurdjidze / *Fotografia:* Gorka Gómez Andreu / *Direcção Artística:* Grigol Mikeladze / *Montagem:* Grigol Palavandichvili, Dmitri Tchistiakov, Levan Kukhachvili / *Música:* Dusan Maksimovski, Alex Sparrow / *Som:* Rustam Akhadov / *Interpretação:* Salome Demuria (Ira), Ia Sukhitachvili (Azida), Olga Dikhovitchnaia (Liza), Zurab Magalachvili (Astamur), Aleksandre Khundadze (Leo), Malkhaz Djorbenadze (Ginger), Sabina Akhmedova (a jovem), Irakli Baidarachvili (o homem alto), Branko Djuric (o Estranho), Elene Gamsakhurdia (Rista), Ekaterine Djaparidze (Nata).

Produtores: Zurab Magalachvili, Nadejda Gorchkova, Katerina Gechmen-Waldek / *Produção:* CineTech / *Cópia:* DCP, cor, do Centro Nacional do Cinema Georgiano, versão original falada em russo e georgiano com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 107 minutos / *Estreia mundial:* 5 de julho de 2016 (Festival Internacional de Karlovy Vary) / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 126 minutos / *Sessão apresentada por* Marcelo Felix.

Cruzando dois importantes eixos deste Ciclo dedicado à cinematografia da Geórgia (a saber, a atenção dada ao cinema de animação de autor na produção local e o enorme peso que nela tiveram e têm as mulheres cineastas), a sessão de hoje traz-nos “notícias da violência”, seja de uma guerra real no caso de **“A Casa dos Outros”**, seja de conflitos imaginários nas curtas **“A Peste”** e **Bo-Bo**.

Começando por estas duas curtas de animação, vale a pena vê-las à luz das palavras do crítico Kristian Feigelson sobre o pendor alegórico de grande parte do cinema georgiano durante o período soviético: *o recurso à parábola e à metáfora representou um meio essencial de contornar o sistema burocrático soviético de censura. A parábola torna-se um «sistema imunológico» perante a propaganda do «realismo socialista»*. Esta “tradição” atravessou várias décadas do rebelde e idiossincrático cinema georgiano até aos últimos anos da URSS e não deixa de estar presente no modo como em **A Peste** e **Bo-Bo** aludem a situações próximas do presente sem as situar historicamente.

No expressionismo de **A Peste** convoca-se um mundo sombrio e ameaçador de uma cidade onde uma invasiva doença toma conta de tudo e todos, numa mancha negra uniformizadora onde não é difícil ler uma alegoria do mecanismo da submissão dos corpos e das mentes pelo totalitarismo. Com evidentes qualidades plásticas no traço e uma poderosa utilização da técnica tradicional do desenho animado, **A Peste** lembra-nos que foi no cinema de animação dos países do então designado Bloco de Leste que se puderam ver algumas das mais incisivas – ainda que veladas - críticas ao sistema comunista. Tendo obtido a Palma de Ouro da Curta Metragem no Festival de Cannes de 1984 com este filme, o realizador David Takaichvili realizaria ainda mais duas curtas metragens de animação nos anos 1980 antes de se eclipsar com o colapso das estruturas de produção cinematográficas nos turbulentos anos de uma Geórgia novamente autónoma.

Em **Bo-Bo**, curiosa fantasia pacifista, uma bomba largada sobre um alvo numa guerra indiscriminada resiste a cumprir a sua missão e vagueia sobre o mundo apreciando a idílica paisagem humana e natural. A sensibilidade surrealista que é também uma das marcas mais fortes do cinema georgiano encontra na imagem poética de uma arma humanizada (que a utilização dos planos subjetivos do ponto de vista dessa bomba ajuda a reforçar) um poderoso manifesto anti-belicista que, numa ironia paradoxal, culmina com a destruição do avião bombardeiro pela bomba que largou. Combinando diferentes técnicas de animação (desenho, colagens, etc.) e misturando imagens fotográficas com a animação, **Bo-Bo** revelava um talentoso e multifacetado cineasta (além da realização, Levan Tchkonia está creditado como director de animação e autor da música), lamentando-se a sua morte prematura (aos 27 anos) pouco depois da conclusão deste filme.

Embora produzido já num contexto político completamente diferente - numa Geórgia já independente e a recuperar dos anos turbulentos trazidos pela dissolução da URSS -, talvez haja ainda traços dessa tradição do discurso através da fábula (que Feigelson refere como permitindo “transcender uma realidade enganadora de forma artística”) em **“A Casa dos Outros”**. A acção do filme situa-se na Abecásia no início dos anos 1990 e após uma guerra pouco (re)conhecida mas que implicou a separação desta região da Geórgia (que se mantém até agora com um estatuto autónomo ambíguo) e a deslocação forçada de cerca de trezentas mil pessoas. Sob esse pano de fundo factual constrói-se uma narrativa elíptica que pega num punhado de personagens (os novos ocupantes das casas deixada vazias numa aldeia remota da Abecásia) para evocar as marcas desse conflito em pelo menos duas gerações de georgianos (a dos adultos que fizeram ou fugiram a essa guerra e a das crianças que foram por ela directamente afectadas).

Um dos aspectos mais interessantes de **“A Casa dos Outros”** é o modo como essa guerra silenciada acaba por servir de adequada moldura a uma história de fantasmas (os “outros” referidos no título são os habitantes desaparecidos da noite para o dia, cuja ausência é ainda mais flagrante por terem deixado para trás todos os seus objectos pessoais nas casas abandonadas). O filme instila um ambiente em que pesa sob essa ausência uma permanente ameaça de novas violências bem como a possibilidade do regresso desses outros, particularmente através da figura do pai e da sua obsessão por não mexer nos seus pertences. Duas breves cenas explicitam também figurativamente estarmos perante uma forma particular de *ghost story* (o primeiro encontro entre Nata e Leo e o momento em que as duas personagens correm protegidos por uma capa/lençol de plástico), mas toda a construção visual do filme parece procurar construir um território físico assombrado por uma presença fantasmática. São muitas as situações no início do filme em que a luz baça do exterior luta por entrar nos interiores das casas entaipadas, bem como os jogos com vários dispositivos

mediadores da visão (binóculos, espelhos, um brinquedo óptico), como se o filme nos dissesse que só indirectamente podemos aceder ao do que se passou nesta aldeia naquela noite. Simbolicamente, esse tempo vazio ficará sempre em *off* na imagem mas todos os pensamentos, palavras e gestos das personagens são determinados por ele.

Primeiro filme de Russudan Glurdjidze, realizadora pertencente à geração formada na escola de cinema de Tbilissi depois da independência e que aí teve em Guiorgui Chenguelaia (realizador, desaparecido já este ano, de **Pirosmani**, que vimos também neste Ciclo, um dos seus “mestres”), **“A Casa dos Outros”** foi apontado como mais uma demonstração da renovação do cinema georgiano contemporâneo e como mais um exemplo do papel fundamental que nele continuam a desempenhar as mulheres cineastas (nesse sentido será porventura uma das cinematografias mais paritárias do mundo). Sem partilharmos completamente o entusiasmo suscitado por uma primeira obra ambiciosa mas eventualmente demasiado auto-consciente e sisuda, em que alguma dessa solenidade parece efeito “sob influência” – aliás, explicitamente assumida (numa entrevista sobre o filme, Russudan Glurdjidze refere Andrei Tarkovski, Theo Angelopoulos e Béla Tarr como os modelos que usou para explicar ao seu director de fotografia a “atmosfera” que procurava) - , esperamos mesmo assim que o seu próximo filme confirme uma voz autoral mais personalizada e talvez menos condicionada pelas questões da co-produção europeia e pelo formato esperanto de um cinema de autor feito a pensar em prémios e em festivais.

Nuno Sena